CURRÍCULOS FABULADOS, GÊNERO ENCENADO E A AUDIOVISUALIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Leonardo Nolasco-Silva[1]
Vinícius Reis[2]

Resumo: Inventamos um texto decupado numa ilha de edição. Um texto-montagem, feito de conversas (SKLIAR, 2018) cortadas, emendadas, enfeitadas de memórias (DELEUZE, 2006) para movimentar o roteiro. Um roteiro que conta sobre corpos dissidentes, de docentes e discentes, que são a inconveniência (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996) de suas escolas. Corpos que ocupam o intervalo da norma, que quebram a regra denunciando a artificialidade de tudo que se pretende padrão. Corpo-ocupação, com partido, produzido nas saias dos movimentos sociais, ciente das delícias e das dores. Corpos que atuam na formação de professores e que ali, nas conversas que criam currículos e fabulam pesquisas (NOLASCO-SILVA, 2019), escrevem vidas coletivas enquanto narram suas próprias existências. Escrevivências (EVARISTO, 2008) de gênero e sexualidades em contextos de educação formal. O resultado desta costura é um texto-audiovisual que borra literatura, teatro, pesquisa acadêmica e autobiografia, sem intenção de buscar a verdade, pois contente em ampliar os pontos de vista. Ciência audiovisualizada (REIS, 2018), pesquisa-teatro, "*falsedad bien ensayada/ estudiado simulacro*[3]"

Palavras-chave: Audiovisualidades; Formação de professores; Gênero; Sexualidade

Introdução

Escrevemos esse texto entre o medo da contaminação pelo novo coronavírus e a esperança da vacina que, aos poucos – bem lentamente – começa a ser aplicada no Brasil, em grupos considerados prioritários. Quarentenados desde março de 2020, tivemos nossas vidas bagunçadas, remexidas,

[1]Doutor em Educação (UERJ) e em Literatura Comparada (UFF), Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UERJ e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, e-mail: leonolascosilva@gmail.com; Bolsista Prociência.
[2]Doutorando em Educação no ProPEd-UERJ (Programa de Pós-Graduação em Educação), e-mail: viniciusreiswork@gmail.com; Bolsista Faperj.
[3]Referência à canção "Puro Teatro", interpretada por La Lupe.

colocadas à prova, como tantas outras pessoas que moram sozinhas numa metrópole, vindas de cidades menores onde ficaram as nossas famílias e boa parte dos nossos suportes emocionais.

A vida na pandemia tornou-se uma experiência de atos inaugurais para quem conseguiu (ou foi permitido) quarentenar e/ou para quem precisou adaptar o exercício profissional ao distanciamento físico, recriando modos de trabalhar a partir das *tecnologias de encontro*[4]. É o caso, por exemplo (e por recorte deste artigo) dos trabalhadores e dos pesquisadores da educação.

O chamado *Ensino Remoto Emergencial*[5], experimentado por escolas e universidades Brasil a fora, tem pautado discussões importantes acerca dos modos pelos quais expressamos e fazemos circular o pensamento científico – base dos conteúdos curriculares praticados nas instituições de ensino. A transposição das aulas presenciais para as plataformas online deixou clara a inabilidade de boa parte dos profissionais e das instituições para criar ambiências formativas atentas às especificidades do digital em rede, isto é, do *espaçotempo*[6] onde as aulas passaram a acontecer.

Tal inabilidade, entretanto, longe de ser uma marca pessoal, fulanizável, é consequência do descaso histórico das políticas públicas de inclusão digital (ou da falta/insuficiência delas). Mas também é o desdobramento de uma vivência cibercultural ainda muito ligada ao entretenimento, ao passatempo e às interações casuais – que são movimentos legítimos das nossas itinerâncias na Cibercultura, formativos e fazedores de autorias. Porém, o que se espera de uma experiência escolar/acadêmica mediada por *tecnologias de encontro*, precisa ir além do já sabido, do já praticado em nossos cotidianos; precisa fazer conversar os planos de aula com os planos de Internet de cada *praticante* (CERTEAU, 1994), considerando as desigualdades de acesso e a diversidade dos saberes e das ignorâncias que todos nós temos diante dos dispositivos em rede e dos sistemas que neles operam.

Em outras palavras, estamos diante do desafio de criar novos hábitos a partir de, pelo menos, dois hábitos mais ou menos consolidados: o de estudar numa escola ou numa universidade e o de

[4] Chamamos de *tecnologias de encontro* os aplicativos e afins usados para promover interações síncronas, por voz ou por vídeo. Na pandemia, as mais usadas têm sido Zoom, Google Meet, Microsoft Teams, RNP, Jitsi meets, Streamyard, dentre outros.

[5] Edméa Santos, em narrativa autobiográfica publicada na Revista Docência e Cibercultura (2020), visita os conceitos de Educação a distância, Educação Online e Ensino Remoto. Para ela, o ensino remoto, que vem ganhando força durante a pandemia, "não é EAD e muito menos Educação Online". Pratica uma comunicação com hora e dia marcados, em agendas que acoplam inúmeras disciplinas que, como é de se esperar, levam os alunos ao tédio. Santos salienta que, embora o ensino remoto permita que "encontros afetuosos e boas dinâmicas curriculares" aconteçam e garantam o encontro de professores e estudantes durante o isolamento social, por outro lado, as práticas remotas "repetem modelos massivos e subutilizam os potencias da cibercultura na educação, causando tédio, desânimo e muita exaustão física e mental de professores e alunos". Disponível em: encurtador.com.br/buCHI. Acesso em: 27 jun. 2020.

[6] Optamos, nas pesquisas *nos/dos/com os cotidianos*, por marcar em nossas grafias o entendimento de que seria mais adequado romper com algumas dicotomias que, no bojo da Modernidade, expressam modelos supostamente antagônicos. Na contramão desse movimento, escrevemos *aprenderensinar, espaçostempos, práticasteorias etc*.

habitar o ciberespaço – com toda a multiplicidade de experiências abarcadas nisso. Este tem sido um processo difícil, mais individual do que coletivo, com pouco ou nenhum tempo para a troca de experiências, para a circulação e debate de narrativas e tudo mais que deveria envolver uma invenção social dessa magnitude: produzir salas de aula online no meio de uma pandemia, *para* e *com* pessoas acostumadas ao ensino presencial.

Esse recorte inicial que decidimos fazer para apresentar o nosso texto tem a intenção de sublinhar um antecedente crucial na relação educação formal/Internet: a construção de um emaranhado discursivo – compartilhado em rede – que tenta estabelecer limites para aquilo que pode ou não ser debatido nas escolas – em especial no tocante ao campo do gênero e das sexualidades. O fantasma do *Escola "sem" Partido*[7] ronda as práticas docentes antes mesmo da proliferação das salas de aula online que agora, por sua capacidade de registro e de compartilhamento, ampliam o potencial nocivo desse projeto que diz combater a *ideologia de gênero*.

Quando nos vimos obrigados a trabalhar remotamente, vimos também ampliadas as chances de termos nossas falas descontextualizadas e apresentadas ao tribunal da Internet – composto por humanos e por robôs alinhados aos (e financiados pelos) grupos conservadores que tomaram o Brasil de assalto. Esses grupos, que costumam ser promotores de linchamentos virtuais alicerçados em *fake News*, criaram no Brasil a ideia do professor como inimigo da nação e das famílias, formado por universidades que estimulam a depravação, o uso de substâncias ilícitas e uma lista infinita de práticas ilegais e/ou vistas como pecaminosas (ainda que estejamos, em tese, num Estado laico). É redundante dizer que há lideranças religiosas no centro dessa perseguição aos professores, às escolas e às universidades, bem como políticos, empresários e demais representantes da elite do atraso (SOUZA, 2017).

O ocaso das informações baseadas em fatos – substituídas por versões inverossímeis dos acontecimentos – tem se dado por meio de uma apropriação eficiente das linguagens praticadas na

[7] O *Escola "sem" Partido* não é um discurso novo, tampouco isolado. Suas origens datam de 2004 e são, em teoria, uma reação a um professor de História que teria feito uma comparação entre Che Guevara e São Francisco de Assis. Na turma deste professor estava a filha do Procurador do Estado de São Paulo Miguel Nagib e foi ele quem idealizou este movimento "100% apartidário" que "tem dois objetivos: combater o uso do sistema educacional para fins políticos, ideológicos e partidários e defender o direito dos pais dos alunos sobre a educação moral de seus filhos" (BÁRBARA; CUNHA; BICALHO, 2017, p.106). Há no *Escola "sem" Partido* um sentido ideológico e político que potencializa a intolerância aos movimentos sociais e tenta impedir os avanços das lutas populares e da classe trabalhadora. Para tanto, conta com o poderoso auxílio da grande mídia e do crescente mercado de seitas religiosas que usam "deus" como mercadoria, tornando reféns de uma manipulação em cascata um número cada vez maior de pessoas. Versões da realidade são produzidas e veiculadas na TV, nos jornais e na internet, eficientemente orquestradas pelos interesses de uma elite econômica, dando origem a um fenômeno que tem sido chamado de *pós-verdade.*

Internet, sobretudo os *memes*[8] e os textos hipermidiáticos disparados por/em mensageiros instantâneos, como o *Whatsapp*. A insuficiência de um contradiscurso capitaneado pelo campo progressista, com fôlego para conter a avalanche da pós-verdade[9], (SANTAELLA, 2018) tem a ver com uma certa precariedade da circulação dos saberes científicos, quase sempre restritos aos leitores iniciados, um tanto inacessíveis ao entendimento de parte considerável da sociedade.

Tentando desfazer esses nós comunicativos – naquilo que nos é possível dentro das nossas práticas de pesquisa – temos trabalhado com experimentações de linguagens outras que nos oportunizem modos variados de fazer e de circular nossas investigações – em especial, a partir da produção audiovisual, valendo-nos do seu devir – as audiovisualidades.

Compreendemos audiovisualidades como potências de atualização dos produtos audiovisuais, seja na recriação dessas produções por meio de bricolagens, de sátiras, de apropriações discursivas que geram outras abordagens e usos, seja na produção de outros audiovisuais que, mantendo ou não intertextualidades com a filmografia existente, inserem-se nos movimentos da Cibercultura, experimentando e propondo novos (e incessantes) modos de fazer e de circular imagens e sons. A prática das audiovisualidades pode acontecer numa roda de conversa, em sala de aula, acerca de um filme assistido ou na gravação, montagem e upload de um vídeo curto para o *Tik Tok*. Não se trata da feitura de um produto, mas da experimentação de um processo baseado na fruição, na apropriação e na ressignificação de uma ou mais obras audiovisuais (ou, usando a metalinguagem, dos estilos e linguagens audiovisuais, assumindo os códigos comunicacionais – ou seja, a forma – como parte relevante da mensagem).

O que apresentaremos a seguir, como personagens conceituais (ALVES, 2010)[10] de nosso texto, são criações autorais com imagens e sons, alinhavadas por gestos ciberculturais que intentam diálogos com os usuários do ciberespaço – estejam eles em nossas salas de aula ou em nossas redes sociais online. Nossos passos nessa empreitada serão aqui apresentados através de artesanias fílmicas

[8] *Memes* são discursos (imagens, vídeos, músicas e outras formas de comunicação) que *viralizam* na internet e despertam o desejo de atualização. Diferente do *viral* que se assenta basicamente no compartilhamento, o *meme* demanda ser modificado para se inserir em cada novo ato de compartilhar. Um *meme* é, pois, um discurso que se adequa aos contextos mais variados, exigindo de quem o compartilha um trabalho de atualização e ressignificação. *Cf.* NOLASCO-SILVA; SOARES; LO BIANCO. Os memes e o golpe. *Periferia*, v. 11, n. 2, p. 111-130, maio/ago. 2019.

[9] Para Santaella (2018, p.54) "as ondas da pós-verdade não estão deixando ilesa nenhuma área de atividade humana, atingindo, inclusive, questões de cunho científico". Os discursos da pós-verdade, diz Santaella, ignoram, desrespeitam, distorcem e manipulam os fatos (como fazem muitos veículos de imprensa).

[10] Para Alves (2010, p.1203) "Os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com quem se "conversa" e que permanece presente por muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva e para que se crie novos conhecimentos".

(NOLASCO-SILVA, 2019) produzidas nos últimos anos, tendo o gênero e as sexualidades como marcadores sociais preponderantes no roteiro e nas demais elocubrações cênicas.

Pesquisar com os cotidianos é fazer documentário (ou seja, é fazer ficção)

Compreendemos que pesquisar *com*[11] os cotidianos das redes educativas é, antes de qualquer coisa, um processo de autoformação e de criação temporária de versões de mundo. Em outras palavras, nossas pesquisas não pretendem narrar ou representar a realidade, mas problematizá-la, inventando-a a partir dos repertórios *práticosteóricos* das nossas redes. Tais redes – tecidas nas/com as múltiplas experiências que acumulamos ao longo da vida – são constantemente atualizadas nas conversas com os nossos interlocutores de pesquisa, de modo a produzirem – no encontro – novos *conhecimentosignificações*. Então, quando escrevemos um texto, estamos nele – em cada linha, em cada respiração proposta pela pontuação e por outros sinais gráficos. O texto científico não comporta neutralidade, pois é feito de atravessamentos.

Como editores de vídeo (que somos), usamos a ideia de *ilha de edição* como metáfora para o modo como comunicamos as nossas pesquisas: em nossos textos (escritos, falados, encenados, filmados etc) cortamos, mixamos, damos zoom, colorizamos, sonorizamos, sublinhamos cenas com maior ou menor velocidade, isto é, criamos narrativas não só a partir do que foi produzido no campo, em termos de *conhecimentosignificações*, mas também bricolamos as formas através das quais costuramos nossos entendimentos e marcamos nossas assinaturas. Fazemos ficção não por acreditar que a pesquisa seja um processo que produz mentiras – ou um ciclo eterno de relativizações –, mas por entendermos que o estabelecimento de verdades (por meio da ciência) será sempre uma aposta arbitrária e temporária. Ficcionalizar a ciência – ou *literaturizar, narrando a vida* (ALVES, 2015) – nos serve como tática para a circulação dos *saberesfazeres* científicos, para além das salas da aula e da Academia. Investe-nos, enquanto pesquisadores, de voz autoral que pode ser expressa artisticamente, potencializando nossos corpos, autorizando-os aos atravessamentos, à comunhão com os nossos interlocutores e à consideração de nossas biografias como fios condutores legítimos de nossa escrita científica – algo que Conceição Evaristo (2008) nomeia *escrevivências*, reconhecendo que toda a expressão cultural é sempre ética, estética e política. Ao *literaturizar a ciência* precisamos

[11] Pesquisar *com* e não pesquisar *sobre*, reconhecendo que o pesquisador, ao *olharouvirsentir* o campo também *olhaouvesente* a si mesmo, com todas as suas redes. As pesquisas nos/dos/com os cotidianos partem desse princípio básico: nos cotidianos todos expressam alguma coisa, inclusive o pesquisador. As fabulações da pesquisa não podem desconsiderar a multiplicidade de vozes convertidas em palavras *escritasfaladas* pelo pesquisador em suas comunicações. Cf. Alves (2015); Ferraço (2003).

reconhecer que todas as redes que formamos e nos formam, se articulam em nós e nos transformam em ilhas de edição do que vai ser dito, produzido, criado.

Propomos, nesse movimento de ficcionalização, que pruduz roteiros mais afeitos à literatura, ao cinema e ao teatro, a criação de um modo de pesquisar que considere o corpo do pesquisador como meio de expressividades variadas por onde passam (num caminho de dobras) as *práticasteorias* narradas pelos interlocutores da pesquisa. Um corpo à serviço das narrativas, que se deixe atravessar, que se permita e deseje contaminar-se (DELEUZE; PARNET, 1998) de outro; um corpo disposto à *corporalizar a ciência*.

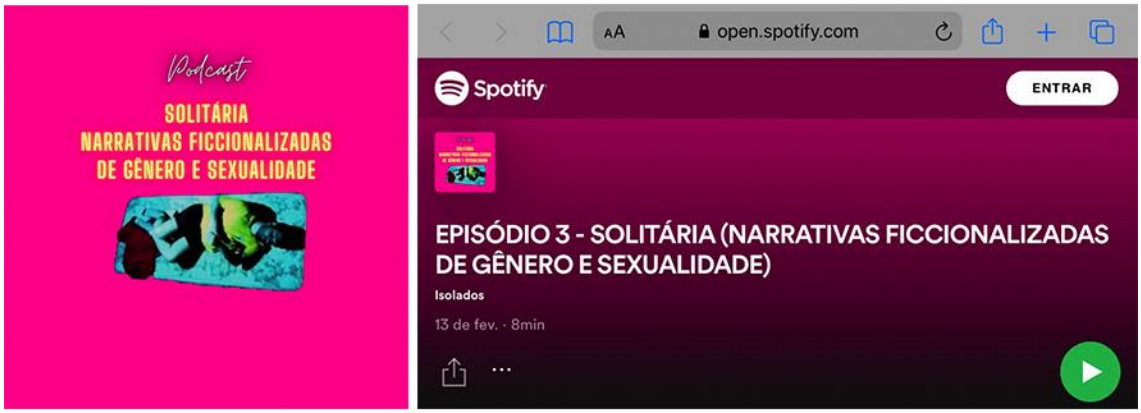
Solitária – a peça

Enquanto um dos autores desse texto realizava a sua pesquisa de doutorado, pensando os usos das tecnologias na formação de professores (NOLASCO-SILVA, 2019), percebemos que parte das narrativas fabuladas no campo não caberiam na edição da tese. Eram trechos que transbordavam o recorte proposto, mas repletos de pistas que queríamos explorar. Eram registros de conversas que tencionavam gênero e sexualidade, destacando o papel das redes educativas – em especial das escolas e das universidades – na produção dos corpos e daquilo que convencionou-se chamar de identidade.

Tais narrativas, que apareciam quase sempre coladas ao tema *Escola "sem" Partido*, foram transformadas – pelo pesquisador – em vozes de *praticantes alegóricos*[12] e, depois da tese pronta e defendida, em dramaturgia para o teatro, intitulada "Solitária".

[12] O praticante alegórico é uma estratégia metodológica caracterizada pela reunião de múltiplas vozes que, sob o signo de uma identidade única, exercem em nosso texto uma função-informante. Trata-se da junção de pedaços de narrativas, produzidas por diversos interlocutores de pesquisa, que nos ajudam a pensar sobre determinado tema. Não possui, pois, um caráter biográfico, mas unicamente comunicativo – ilustração de certos modos convergentes de pensar entre sujeitos de uma mesma comunidade (NOLASCO-SILVA, 2019). Os praticantes alegóricos funcionam, nesse sentido, como personagens conceituais.

Figura 01 – Capa do *podcast* e postagem do mesmo no Spotify.



O texto ficcional conta a história de um professor denunciado à Delegacia de Crimes Educacionais, num futuro próximo, por ter – supostamente – desobedecido os princípios do *Escola "sem" Partido*. O começo da peça mostra o professor prestando depoimento a um delegado[13], revelando-se, gradativamente, como um dissidente de gênero e de sexualidade. A ação do personagem deixa evidente para o público quais são as suas bandeiras político-ideológicas e de que forma tais pertencimentos fazem dele um alvo a ser combatido, castigado, inviabilizado. As falas desse professor fictício são, em sua maioria, excertos das narrativas produzidas no trabalho de campo, costuradas dramaturgicamente pelo pesquisador, de modo a criar elementos que prendam a atenção do leitor (e da plateia, quando montado, em forma de espetáculo teatral ou de "falsa" conferência em eventos acadêmicos)[14].

O pesquisador, que também é ator e dramaturgo, produziu com o coautor do presente texto um exercício de montagem de "Solitária" que pode ser conferido aqui em formato de podcast – solução mais viável em tempos de isolamento físico[15]. Considerando a proposta hipertextual do nosso trabalho, optamos por não realizar apontamentos teóricos acerca dos temas que sustentam o roteiro das produções aqui elencadas, cabendo ao leitor (a quem humildemente convidamos) explorar os hiperlinks que levam aos vídeos, assumindo o produto artístico – neste caso, um podcast de ficção – como texto científico.

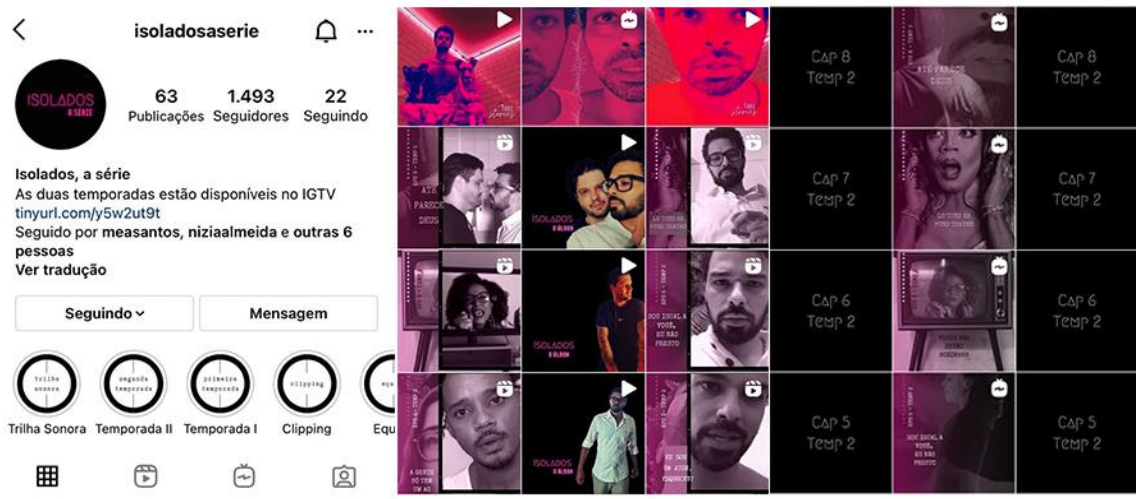
[13] Apenas sugerido, já que se trata de um monólogo.
[14] Essas experimentações ainda não foram realizadas com plateia devido à emergência da pandemia.
[15] Ao usar o termo isolamento físico, ao invés de isolamento social, Henrique (2020, p. 6) entende, a partir do que preconiza a Organização Mundial de Saúde (OMS) que parte da sociedade se mantém conectada virtualmente, dando continuidade às relações familiares, trabalhistas, educacionais e etc., mesmo que não presentes fisicamente, promovendo "um grande espalhamento social, aqui na acepção de difusão social, irradiação social e alastramento social".

Isolados – a série

O começo da pandemia – e a necessidade da quarentena – paralisaram as aulas na universidade, mas não a continuidade das pesquisas. Interromperam também os espetáculos teatrais, as gravações de filmes e novelas e tudo mais que demandaria aglomeração ou contato físico. Foi assim, em meio às interdições, rupturas e continuidades adaptadas, que "Isolados, a série" nasceu, inserindo na pesquisa acadêmica um grupo de atores, editores, compositores e roteiristas – quarentenados em 5 estados brasileiros. Mais uma vez, o roteiro reuniu vozes de *praticantes alegóricos* (NOLASCO-SILVA, 2019) que narram suas vidas na pandemia – de novo, num futuro próximo (2025) – mas com foco nas *tecnologias de encontro*.

Os personagens de Isolados vivem quase que integralmente no ciberespaço, dependendo dos dispositivos em rede para manter e criar vínculos com a coletividade. A vida na pandemia (em 2025) é uma vida dentro e diante das telas, com todas as consequências (boas e ruins) que a mediação tecnológica pode gerar. O ponto de partida da trama é a separação geográfica de um casal homoafetivo que tenta manter o relacionamento, via *tecnologias de encontro*, apesar da distância. A vizinha de um deles – Norma Stabelecidah – é uma travesti hiperconectada, que vigia a vida dos demais personagens por meio de câmeras e escutas espalhadas pelo prédio, transmitindo em tempo real, na Internet, as histórias privadas dos vizinhos. A vigilância panóptica exercida por Norma nos permite problematizar a estética da visibilidade na rede, intensificada na pandemia, bem como a produção tecnológica dos corpos a denunciar o quão artificial é a *heterocisnormatividade*.

Figura 02 – Perfil de *Isolados, a série* no Instagram.

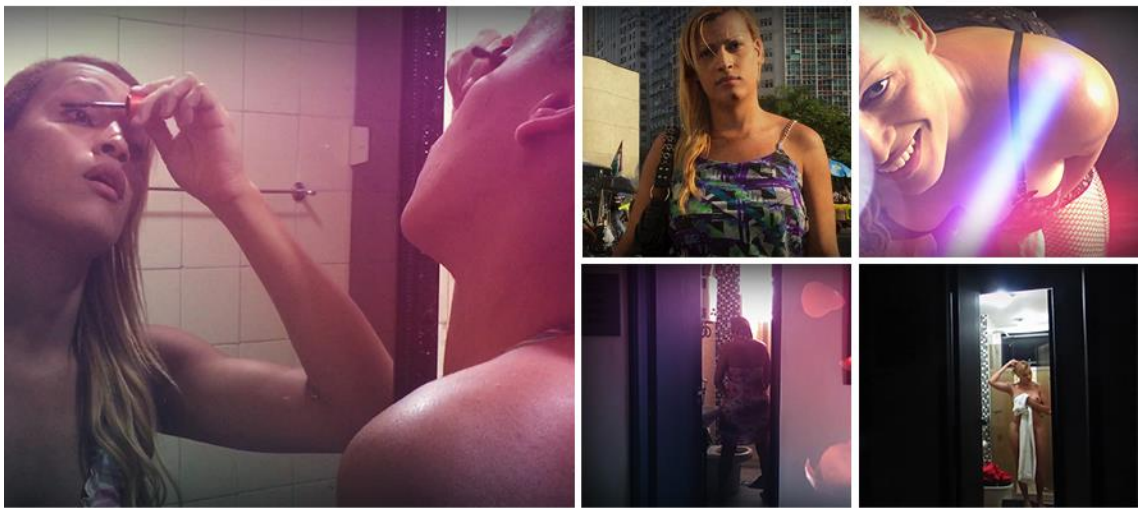


Isolados teve duas temporadas, com 13 episódios, exibidas no Instagram, no Facebook e no Youtube. Em 2021, produzimos uma versão reduzida da websérie, com nove episódios curtos, que podem ser acessados aqui.

Inconveniente – o curta

"Inconveniente" foi, de certa forma, o auto inaugural deste movimento que estamos chamando de *corporificar a ciência* a partir de um processo de *ficcionalização da pesquisa*. Trata-se de um experimento audiovisual que flerta com princípios do documentário, do filme de arte e do texto científico, borrando fronteiras de linguagem, de produção e de consumo. Um corpo trans, transformado em personagem-conceitual para apresentar a noção de conveniência em Certeau (1994), é mostrado em suas itinerâncias pela cidade, desarrumando – em sons e imagens – nossas certezas acerca de um corpo natural, de um gênero natural, de uma sexualidade natural. O corpo em tela foi esculpido pela pesquisadora Ana Letícia Vieira, doutora em Educação, mulher trans que se dispôs a corporificar *teoriaspráticas* de suas interlocutoras de pesquisa que, misturadas às suas próprias escrevivências (EVARISTO, 2008), oferecem possibilidades de alargar o pensamento acerca não só das *transgeneridades*, mas também da *cisgeneridade*.

Figura 03 – Cenas de *Inconveniente*.



O curta, que pode ser visto aqui, foi tema de cineconversas no curso de formação de professores, gerando reações como as que seguem:

> - Eu não queria falar na frente da turma porque tu sabe, né? Viado é foda, já ia me chamar de homofóbico, essas paradas aí. Eu gostei do curta, sacou? Mas me incomodou um pouco essa parada da mina ficar nua, não precisava, tá ligado? Isso, pra mim, causa mais repulsa do que acolhimento, tá ligado? É pra chocar? A história da mina tava indo bem, ela contando as paradas do nome social, do corpo que é olhado quando passa, das confusões que esse corpo causa, entende? Eu cheguei a ficar tocado pelo lance, mas daí me aparece a mina mijando de pé, cara? Depois as tetas e tals?[16]
>
> - Eu tô muito emocionada, sério. Nunca imaginei me ver representada numa sala de aula. Eu tô saindo da UERJ cheia de histórias de violências, de perseguições, de preconceitos, de tentativas de suicídio. É a primeira vez que uma aula fala comigo, só comigo, com mais ninguém. Eu sou essa menina inconveniente, eu sou essa menina que injeta hormônio no corpo, eu sou essa pessoa apontada na rua, no metrô. Eu existo. E eu tô aqui, eu serei filósofa, eu darei aulas de Filosofia numa escola pública e essa gente que virou a cara pra mim vai ter que me engolir.[17]

Considerações

As produções audiovisuais aqui elencadas fazem parte de um repertório multimídia que temos criado como exercício de circulação científica. Nosso objetivo é contribuir para a expansão das práticas curriculares, sublinhando a potência da fabulação enquanto máquina de autoria capaz de promover subjetivações mais alargadas e inclusivas. Nesses textos editados em sons e/ou imagens tensionamos concepções de gênero e sexualidade, apontando – pela via do entretenimento e da fruição – processos de exclusão e de violências, narrados pelos interlocutores de nossas pesquisas. Destacamos o papel das redes educativas na produção dos corpos – os obedientes e os afrontosos (ambos em trânsito constante) – e propomos, por meio da ficção, *audiovisualizar* a ciência para fazer circular – mais do que tem circulado – as nossas pesquisas. Tal movimento – desdobrado de tantos outros presentes na obra de Nilda Alves (2015) – alarga as possibilidades de escrita e de fabulação do próprio pesquisador, estimulado a usar seu corpo como tela, como veículo de passagem das narrativas e das *práticasteorias* dos interlocutores da pesquisa, *corporalizando* a ciência para dela fazer uma obra de arte.

[16] Narrativas convertidas em vozes de praticantes alegóricos.
[17] Idem.

Referências bibliográficas

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out.-dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf.

_____. *Nilda Alves: praticantepensante* de cotidianos/ organização e introdução Alexandra Garcia, Inês Barbosa de Oliveira; textos selecionados de Nilda Alves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BÁRBARA, I. S.; CUNHA, F. L. de.; BICALHO, P. P. G. de. "Escola sem Partido: visibilizando racionalidades, analisando governamentalidades. In: FRIGOTTO, G. (ORG.). *Escola "sem" Partido.* Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017, p. 105-120.

CERTEAU, M. de. *A Invenção do Cotidiano:*1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da Afro-Brasilidade: história e memória. *Releitura* (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2008.

HENRIQUE, T. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). *Interfaces Científicas* – Humanas e Sociais, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2KMPtG5>. Acesso em: 28 abr. 2020.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. *Tecnodocências:* a sala de aula e a invenção de mundos. Salvador: Devires, 2019.

_____; SOARES, Conceição; LO BIANCO, Vittorio. Os memes e o golpe. *Periferia*, v. 11, n. 2, p. 111-130, maio/ago. 2019.

REIS, Vinicius Leite. A produção de narrativas audiovisuais sobre e contra a homofobia em processos de formação e autoformação para a docência. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, 2018.

SANTAELLA, Lucia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, E. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho... In: *Revista Docência e Cibercultura*. Disponível em: <https://bit.ly/2BLV9zi>. Acesso em: 27 de jun. 2020.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

Fabulated curricula, staged gender and the audiovisualization of science

Abstract: We invented a decoupaged text on an editing station. A montage text, made of conversations (SKLIAR, 2018) cut, amended, decorated with memories (DELEUZE, 2006) to move the script. A script that tells about dissident bodies, of teachers and students, who are the inconvenience (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996) of their schools. Bodies that occupy the range of the norm, that break the rule denouncing the artificiality of everything that is intended as a standard. Body-occupation, with a party, produced in the skirts of social movements, aware of the delights and pains. Bodies that act in the training of teachers and that, in the conversations that create curriculum and make research (NOLASCO-SILVA, 2019), write collective lives while narrating their own existences. Escrevivências (EVARISTO, 2008) of gender and sexualities in formal education contexts. The result of this sewing is an audiovisual text that blurs literature, theater, academic research and autobiography, with no intention of seeking the truth, as it is content to expand the points of view. Audiovisualized science (REIS, 2018), research-theater, "falsedad bien ensayada / estudiado simulacro"
Keywords: Audiovisualities; Teacher training; Genre; Sexuality